

ATIVIDADES CIRCENSES:

NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO CORPORAL E ESTÉTICA

Dr. MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO

Doutor pelo Instituto Nacional de
Educação Física da Catalunha (INEFC) – Espanha
Professor do Departamento de Educação Física
e Humanidades – FEF – UNICAMP
Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses – CIRCUS

Resumo | As atividades circenses despertam um pujante interesse dos profissionais da educação física, especialmente daqueles que atuam no âmbito escolar. Representam, ainda, um novo fôlego para a pedagogia das práticas corporais, aproximando-a da educação estética e artística. Pretendemos, nesta oportunidade, debater o potencial pedagógico dessas práticas, ressaltando alguns aspectos do exponencial crescimento das intervenções pedagógicas e da produção acadêmica ao longo da primeira década do século XXI. Nesta análise, buscamos também ressaltar algumas fragilidades resultantes da rápida expansão no campo prático e do incompatível aprofundamento teórico e formativo sobre este assunto.

Palavras-chave | Atividades circenses; Educação Física; educação estética.

INTRODUÇÃO

“A principal função do riso é nos colocar diante da nossa mais pura essência: somos animais. Nem deuses nem semideuses, meras bestas tontas que comem, bebem, amam e lutam desesperadamente para sobreviver. A consciência disso é que nos faz únicos, humanos”. (Alice Viveiros de Castro, em *O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Bastos, 2005, p. 15).

A vivacidade das atividades circenses, bem como sua riqueza e diversidade de possibilidades para a educação corporal, estética e expressiva, emergem a partir das últimas duas décadas do século XX como elementos distintivos e reveladores de grande potencial pedagógico.

Entendemos que a apropriação desses conteúdos por parte dos profissionais da Educação Física representa uma oportunidade de aprendizagem e reflexão sobre um campo do conhecimento cada vez menos comum nas aulas: as artes corporais (em termos de linguagem, de gestualidade e de corpo expressivo-comunicativo) (FOUCHET, 2006; <<motricidade comunicativa>>, conforme PARLEBAS, 2001).

Na literatura disponível, observamos relatos de professores motivados, de alunos festejando novos saberes, enfim, de uma fascinante oportunidade de reencontro entre a Educação Física e a escola (como, por exemplo, o descrito por BARONI, 2006); entre o corpo, a educação e a sensibilidade artística. (MATEU, 2010)

Contudo, esta aproximação se produziu de modo demasiadamente rápido, sem o devido cuidado pedagógico e rigor teórico (em todas as dimensões sugeridas por COMES *et al*, 2000, p. 9). Nestes relatos de experiência, observamos escassos avanços conceituais ou mesmo procedimentais, que certamente irão depor contra nossos objetivos pedagógicos num futuro próximo.

Assim sendo, compreender as circunstâncias e as razões que envolvem a construção deste fenômeno pode contribuir para um futuro mais favorável e sustentável tanto para a Educação Física, que recebe as atividades circenses e nela vê novas possibilidades, como para as atividades circenses (em representação das seculares Artes do Circo), que veem na Educação Física um espaço de multiplicação de seus conhecimentos, de construção de novas pedagogias e de ampliação de seus apreciadores.

PORTORES ACROBÁTICOS: POR UMA BASE SÓLIDA E CONFIÁVEL

Alguns dos questionamentos debatidos aqui resultam de uma preocupação que já causou grandes conflitos entre a Educação Física e alguns

de seus componentes curriculares (clássicos ou não). Tanto no passado como no presente, sempre que a abordagem ocorre de forma estrita e superficial, estamos expostos a um desnecessário risco de desperdiçar todas as potencialidades da prática em questão, produzindo uma sensação de desconfiança e até de repúdio para com estas práticas.

Um dos elementos centrais desta problemática reside no urgente desejo de renovação e diversificação dos conteúdos disciplinares da Educação Física. A crise e a crítica constituídas na área nas últimas décadas foram motivadas por aulas monotemáticas ou, quando muito, pouco temáticas, por decisões arbitrárias limitadas à vontade e ao interesse pessoal do professor, resultando em uma formação deficitária, falta de critérios científicos para o planejamento pedagógico (PARLEBAS, 2001) e péssimas condições de trabalho, problemas amplamente debatidos na área.

Como consequência dessa incipiente “aventura pedagógica” no campo das atividades circenses, visualizamos também uma magnífica oportunidade para aproximar as artes – em particular as artes corporais – aos saberes tratados nas aulas de Educação Física, reforçando as dimensão expressivo-comunicativa do corpo, pouco frequente na maioria das aulas, como destaca Fodella (2000).

É característica dessa dinâmica, ainda envolvida num certo modismo, uma rápida e ávida incorporação dessas práticas por parte dos professores sem o devido tempo para o estudo e a assimilação dos conhecimentos mínimos necessários para uma abordagem sólida e consonante com as propostas pedagógicas defendidas na atualidade. Experimentar é preciso, mas não devemos fazer desta opção nossa proposta pedagógica cotidiana. Uma base ampla e bem construída nos dá segurança, como diz o imperativo acrobático.

Não é a primeira vez que vivemos esta circunstância. A história da Educação Física revela outros episódios similares, como no caso da dança (BRASILEIRO e MARCASSA, 2008). Contudo, para além dos riscos pedagógicos, que por si já são suficientemente importantes, no caso das atividades circenses, incorremos na possibilidade de expor nossos alunos a riscos desnecessários quanto à sua integridade física. Quando

optamos por um discurso frágil, carente de pesquisa e dedicação, estamos expostos ainda ao risco de uma abordagem restritiva, que apresenta uma caricatura das atividades circenses nas aulas de Educação Física e que não permite contextualizar o conteúdo proposto considerando a complexidade das Artes do Circo, em suas dimensões históricas, artística, estética, filosófica, técnica, etc.

Os limites disciplinares da Educação Física são conhecidos, assim como as problemáticas próprias da formação inicial e das díspares realidades em que as intervenções pedagógicas acontecem, mas nada justifica uma abordagem amputada e descontextualizada. Os adequados argumentos podem instigar nossos alunos a se converterem em verdadeiros entusiastas das práticas corporais, das artes e das ciências delas. Podem, inclusive, conduzi-los para além das fronteiras do ato motor, aproximando-os do corpo poético. Deste modo, é na historicidade, no rico universo simbólico e no imaginário coletivo que envolve o circo que devemos ancorar nosso discurso pedagógico. É de tudo isso que trata a educação corporal. (SOARES, 2001)

Isso não significa que estamos propondo abandonar os jogos e brincadeiras, nem qualquer saber relativo às práticas corporais e sua vivência prática. Aliás, os desafios e as espetaculares possibilidades gestuais que nos presenteiam as atividades circenses devem ser protagonistas em nossas intervenções pedagógicas.

O que mais queremos é que nossos alunos saltem, girem, façam suas acrobacias, vivenciem a arte funambulesca do equilíbrio, transcendam sua atuação corporal para o campo da expressividade, da poética, vivam, mesmo que brevemente, a magia e o encantamento do circo (INVERNÓ, 2003), mas tudo isso, como salienta Coasne (1992), amparando-nos numa atitude de pesquisa, de busca de novos e sólidos conhecimentos, para não recalcar a perturbadora fama de práticos, cuja capacidade reflexiva não vai além da dimensão físico-motora.

AS ATIVIDADES CIRCENSES NO PICADEIRO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Há mais de uma década recitamos em aulas e cursos que nossa decisão de levar as atividades circenses para as aulas ou, visto de outra

forma, de trazê-las para nosso espaço de trabalho não pode ocorrer se não acompanhada de um compromisso firme e respeitoso. Por mais que façamos distinção entre ensinar circo (para nós, este é dever das escolas especializadas para pessoas que desejam se tornar artistas) e desenvolver as “atividades circenses”, por considerá-las parte do patrimônio cultural e, portanto, da cultura corporal (que é o que os professores de Educação Física fazem), nossa intervenção não pode isolar ou desconsiderar o contexto histórico e cultural próprio do circo. Este posicionamento requer novos estudos e sério compromisso acadêmico.

De fato, temos sido enfáticos ao ressaltar repetidas vezes que das mais de trezentas “modalidades” circenses (e outras milhares híbridas, entre elas), nossas intervenções pedagógicas têm tratado de menos de uma dezena delas, e ainda de modo bastante simplista, concretizando-se numa contribuição no mínimo contestável para o entendimento (e não o rendimento) por parte de nossos alunos, os quais têm vivenciado apenas fragmentos das artes do circo, dispersos entre si, o que dificulta o dimensionamento da importância e abrangência dessa linguagem corporal, construída ao longo de séculos e, em consequência, da criatividade e audácia dos povos mais diversos da humanidade.

A insuficiente formação oferecida, especialmente nos cursos superiores de Educação Física, dificulta ainda mais a superação dessa problemática, mas não nos impede de buscar outros espaços de aprendizagem. Recordamos que dois dos mais respeitados pedagogos das atividades circenses (Daniel Schambacher, da Suíça, e Josep Invernó, da Espanha) nunca receberam uma aula sobre este tema durante sua formação universitária, contudo, encontraram a partir de esforços pessoais os conhecimentos que lhes permitiram construir carreira brilhante a partir dessas práticas (o primeiro, como pedagogo e empresário; o segundo, como professor de escola, pesquisador e criador).

Todo o entusiasmo registrado na literatura também não nos permitiu entender que a história da arte circense revela fatos e acontecimentos que certamente interessam a nossos alunos e podem inspirar-lhes a buscar novas práticas corporais. Como explicar, por exemplo, que existe

a Bâscula Russa, a Bâscula Coreana, o Mastro Chinês, as Caixas <<tipo de malabares inglês – *cigar box*>>, e outras tantas possibilidades, cuja história e tradição são mais antigas que a maioria dos esportes que nos são conhecidos e que hoje reinam hegemonicamente em muitas aulas de Educação Física.

Em um mergulho ligeiramente mais fundo, poderíamos mencionar a importância dos *Globistas* (artistas do Globo da Morte) brasileiros, que consideramos os melhores do mundo e cujo mérito nossa sociedade não reconhece devido à escassa cultura acerca deste tipo de atividade. E, finalmente, o que dizer do Canadá, país sede da maior multinacional do setor, cuja história circense é muito mais recente que a brasileira, talvez devido à dificuldade de manter circos em funcionamento naquele gélido país, condições que não impediram o surgimento do maior império circense, responsável pelas atividades de maior impacto midiático neste âmbito ao longo do século XX, e tudo isso em duas décadas e meia.

Em nossa opinião, estes e outros tantos saberes podem interessar aos nossos alunos e dar-lhes novas perspectivas sobre as aulas de malabares, acrobacias e equilíbrios. Estes conhecimentos contextualizadores vitalizam e dão sentido mais amplo (educativo) às atividades circenses, propiciando uma incisiva e marcante presença das artes corporais nas aulas de Educação Física.

ENTRE FUNÂMBULOS E PEDAGOGOS: EQUILÍBRIOS E DESEQUILÍBRIOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. [...]

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica. (BRASIL, 1996: artigo 26, parágrafos 2.º e 3.º)

As relações das práticas circenses com a cultura popular, com a transformação de atividades cotidianas em linguagem artística e, sobretudo, com os conhecimentos sobre o corpo e sua potencialidade expressiva,

fez com que os professores de Educação Física rapidamente assumissem as atividades circenses como uma possibilidade. Muitos, inclusive, foram buscar nos “mestres circenses” e nos artistas profissionais conhecimentos para poderem empreender seus projetos pedagógicos.

De fato, até mesmo as instituições perceberam este potencial. Muitos autores incluíram o “Circo” em seus discursos; alguns estados introduziram este conteúdo em suas propostas, como foi, por exemplo, o caso do Paraná, em 2005, e mais sutilmente o de São Paulo, em 2008. Esta situação é no mínimo estranha, embora frequente, pois propõem a abordagem deste conteúdo sem antes haverem oferecido formação-qualificação.

Passados vários anos, aliás, algumas décadas desde as primeiras experiências, observamos que as oportunidades de formação, da inicial à continuada/permanente, ainda estão muito aquém das necessidades que impõem as escolas e os demais espaços educativos. Assim continuamos à mercê do “bom senso” dos professores que se lançam para esta nova possibilidade. Este parece ser o estado da arte, ou melhor, da pedagogia das atividades circenses.

Neste sentido, somente com um comprometimento sério, que inclua o estudo e a pesquisa, é que poderemos, num futuro não tão longínquo, garantir aulas de qualidade. Este compromisso deve passar pelos professores, mas também pelos gestores (das escolas, etc.) e pelas instituições encarregadas da formação do profissional de Educação Física, em particular das universidades, que em geral não mostram sensibilidade para com este tema ou para com as artes corporais (mímica, teatro gestual, dança, etc.) de um modo mais amplo.

NA CORDA BAMBA: A SUPERAÇÃO PEDAGÓGICA

A título de exemplo, gostaríamos de mencionar um fato que contribui significativamente na elaboração e no aperfeiçoamento de nossa proposta pedagógica para as atividades circenses. Em nossos estudos, partimos do pressuposto de que a Educação Física, como pedagogia

da cultura corporal, deve incluir as atividades circenses. Entendemos ainda que, dada a imensa quantidade de possibilidades que o circo nos oferece enquanto linguagem artística, que se expressa em grande medida corporalmente, teremos de fazer algumas escolhas. Este dilema se torna mais complexo ainda considerando as características dos espaços de intervenção, sejam eles escolas, projetos sociais ou quaisquer outros lugares (BORTOLETO e CARVALHO, 2003). Estes condicionantes indicam que nem tudo o que o circo nos oferece poderá ser incorporado. (DUPRAT e BORTOLETO, 2007, p. 177)

Assim, durante muitos anos optamos por não incluir em nossas aulas o trato de algumas das “modalidades” (especialidades artísticas) circenses, como, a título de exemplo, o “Atirador de facas”. Esta decisão nunca nos agradou, principalmente levando em consideração a importância simbólica que esta personagem circense tem no imaginário popular: poucos são os lugares onde, ao mencionarmos o *Atirador*, as pessoas não começarão a rir, ou mesmo ficam apreensivas, uma vez que ele representa de modo ímpar a “estética do risco”, tão presente na prática do circo (WALLON, 2008; ALMEIDA, 2008). Em todas as vezes que comentávamos alguma anedota sobre o Atirador, os olhares dos pedagogos nos condenavam antes mesmo de dizermos que não abordaríamos esta modalidade. Assim, na falta de uma solução pedagógica, preferimos ignorar este secular conhecimento durante nossas aulas.

Contudo, entre 2004 e 2010 fizemos um grande esforço no sentido de sistematizar uma prática que vínhamos realizando havia tempo: a elaboração de jogos que permitissem a introdução destas práticas nas atividades com nossos alunos (BORTOLETO, PINHEIRO e PRODOCIMO, 2011). Devemos confessar que encontramos no jogo, como também o fez Bernal (2003), um recurso pedagógico poderosíssimo que nos revelou a possibilidade de tratar de modo prático e seguro os conhecimentos próprios ao Atirador de Facas e de outras especialidades circenses que até aquele momento havíamos apenas discutido conceitualmente junto com os alunos.

No caso particular do *Atirador*, elaboramos um jogo que consiste em pendurar uma manta de feltro num varal, e, com o emprego de algumas

bolas de espuma cobertas de velcro, realizar lançamentos de precisão, da mesma maneira como se faz com as facas. Esta simples modificação no material empregado permitiu aos nossos alunos uma vivência prática do Atirador de facas, tanto no papel do lançador, como no de “alvo que não pode ser acertado”. O sucesso desta brincadeira foi imediato, e tanto os alunos (de todas as idades) como professores perceberam que ao final todos aprendíamos um pouco mais sobre os conhecimentos circenses, oferecendo uma experiência corporal inédita e que a grande maioria apenas tinha vivido intelectualmente ou simbolicamente. (GAQUIERE, 1992)

Entendemos que foi a permanente dúvida que nos rodeia como pedagogos, bem como nossa atitude em desenvolver propostas lúdicas e compatíveis com nosso “público”, que nos levaram à elaboração deste jogo e de tantos outros, que apesar de simples nos permitiram reconsiderar uma postura pedagógica que parecia sólida e imutável (a de não ensinar o Atirador de Facas, por exemplo).

O que mais aprendemos? Que estávamos tão perto de nosso objetivo, isto é, de que nossos alunos vivenciassem as atividades circenses em sua mais ampla diversidade, incluindo práticas que aparentemente não poderiam ser incluídas no planejamento pedagógico, cuja possibilidade simplesmente não enxergávamos. Assim, foi recorrendo ao estudo da história, do jogo e dos métodos de ensino que conseguimos ampliar nosso olhar pedagógico (BORTOLETO, CLARO, PINHEIRO e SERRA, 2010). Estamos convencidos de que outros estudiosos chegarão a propostas ainda mais interessantes, abrindo de forma mais intensa as portas das atividades circenses para a Educação Física.

SALTOS QUE AINDA DEVEMOS DAR

Durante mais de uma década, e como parte de um processo de autocrítica e de avaliação permanente, indagamo-nos se estávamos ou não atrasados com relação aos nossos companheiros latino-americanos, europeus ou de qualquer outro lugar, quando o assunto é a pedagogia das atividades circenses, especificamente quando aplicada no âmbito da Educação Física.

Parece, pois, que não. Depois de uma exaustiva análise da literatura¹, compartilhamos com a maioria de nossos companheiros brasileiros e estrangeiros um debate ainda incipiente, cuja maior parte da produção acadêmica é composta de relatos de experiências, estudos descritivo-exploratórios, com escassas proposições metodológicas. Ainda mais escassos são os debates em que podemos observar um diálogo qualificado entre a Educação Física, as ciências da educação e a arte (TAKAMORI, BORTOLETO, LIPORONI, PALMEN, CAVALLOTTI, 2010). Por conseguinte, acreditamos que todos nós estamos participando de uma ação vanguardista, com todos os riscos que ela representa, mas também com a intensidade e agitação que só ela permite.

Vivemos ainda à sombra da ginástica científica (SOARES, 1998)², embora a relação entre a ginástica e o circo rendam debates interessantíssimos (SOARES, 2001; BORTOLETO, 2010). Neste sentido, as experiências relatadas atentam na sua maioria para os aspectos técnicos-procedimentais, dando pouca importância para a qualidade artística (expressiva – comunicativa – poética) da linguagem gestual circense (MATEU, 2010). Ressentimos ainda, da concepção de que o circo (incluindo as artes de rua, os acrobatas das ruas e praças, dos circos de lona, etc.) – e, por conseguinte, o corpo como espetáculo – representa um conteúdo incoerente com os objetivos da Educação Física, como se esta arte não fosse portadora de conhecimentos, valores e um repertório motor riquíssimo que pode contribuir sensivelmente para a educação corporal e estética.

Enfim, acreditamos que a educação física tem nas atividades circenses, como poucas vezes aconteceu em sua recente história, a possibilidade

1. Embora as revisões de literatura sempre sejam parciais, nossa análise abrangeu diferentes bases de dados e acervos, no Brasil e no estrangeiro, em diferentes idiomas, com apoio de pesquisadores de diversos países. Os resultados qualitativos e quantitativos desta pesquisa bibliográfica serão publicados em breve.
2. Nas diretrizes curriculares do Estado do Paraná vemos esta “associação”, quando os autores expõem os objetivos do conteúdo Ginástica para a 8.^a série/9.^o ano, dizendo: “Estudar a origem da Ginástica: trajetória até o surgimento da Educação Física. Construção de coreografias. Pesquisar sobre a Ginástica e a cultura de rua (circo, malabares e acrobacias). Análise sobre o modismo relacionado à ginástica”. (PARANÁ, 2008, p. 87)

de caminhar no sentido que o escritor León-Paul Fargue (París, 1876) observou brilhantemente:

“El circo es como un vals, es al mismo tiempo un lugar mágico y clásico... Por sus fieras y sus funambulistas, sus caballos y sus payasos tan tristes, tan verdaderos, tan puros, el circo es la última cadena que nos queda de unión, de cordón umbilical por el cual estábamos, estamos, aún en comunicación con el inicio del mundo, con el Paraíso”. (FERNÁNDEZ-ARDAVÍN <Org.>. IL CIRCO. Diputación de Huesca, Huesca, 2009, p. 39)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. G. *Ritual, Risco e Arte Circense*. Brasília: UNB, 2008.
- BARONI, J. F. *Arte circense: a magia do encantamento: dentro e fora das lonas*. Pensar a prática, Goiânia, n. 1, v. 9, 2006, p. 65-80.
- BERNAL, J. A. R. *Juegos y ejercicios de malabares*. Ed. Wanceulen, Sevilla, 2003.
- BORTOLETO, M. A. C. e CARVALHO, G. A. *Reflexões sobre o circo e a educação física*. Revista Corpoconsciência, Santo André – SP, n. 11, jan./2003.
- BORTOLETO, M. A. C., CLARO, T. S., PINHEIRO, P. H. G. G. e SERRA, C. S. *As artes circenses nas aulas de Educação Física*. In MOREIRA, E. C. e PEREIRA, R. S. *Educação Física Escolar – desafios e propostas 2* (reedição), Jundiaí – SP: Editora Fontoura, 2010.
- BORTOLETO, M. A. C., PINHEIRO, P. H. G. G. e PRODOCIMO, E. *Jogando com o circo*. Jundiaí – SP: Editora Fontoura, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Diário Oficial, Brasília, 23 dezembro.
- BRASILEIRO, L. T. e MARCASSA, L. P. *Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança*. Campinas: Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57), set./dez., 2008.
- COASNE, J. *A la découverte des arts du cirque*. EPS, n. 238, Paris, 1992, p. 17-19.

COMES, M. *et al.* Ficheros de Juegos Malabares. Barcelona: Inde Publicaciones, Barcelona, 2000.

DUPRAT, R. M e BORTOLETO, M. A. C. *Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses*. RBCE, v. 29, jan./2007.

FODELLA, P. *Les arts du cirque a l'école*. Dossier arts du cirque. Revista EPS1, n. 97, París, 2000.

FOUCHET, A. *Las Artes del Circo: una aventura pedagógica*. Buenos Aires: Editorial Stadium, 2006.

FERNÁNDEZ-ARDAVÍN, J. (Org.). *IL CIRCO*. Diputación de Huesca, Huesca, 2009.

INVERNÓ, J. *Circo y Educación Física: Otra forma de aprender*. Barcelona: Inde Publicaciones, 2003.

GAQUIERE, R. *Jongler a l'école*. Les arts du cirque. Revista EPS, 1. n. 58, Mayo-Junio, París, 1992, p. 28-30.

MATEU, M. S. *Observación y análisis de la expresión motriz escénica. Estudio de la lógica interna de los espectáculos artísticos profesionales: Cirque du Soleil (1896-2005)*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Barcelona, 2010.

PARANÁ, GOVERNO DO. *Diretrizes curriculares da educação básica educação física*. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica, Curitiba, 2008. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 10-06-2011.

PARLEBAS, P. *Léxico de Praxiologia Motriz juegos, deporte y sociedad*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo; estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, C. L. *Acrobacias e Acrobatas: anotações para um estudo do corpo*. In: BRUHNS, H. T. e GUTIERREZ, G. L. (Orgs.) *Representações do Lúdico: II Ciclo de debates "lazer e motricidade"*. Campinas: Editorial Autores Associados, 2001, p. 33-41.

TAKAMORI, F. S., BORTOLETO, M. A. C., LIPORONI, M. O., PALMEN, M. J. H., CAVALLOTTI, T. D. *Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação*

Física escolar: um relato de experiência. Revista Pensar a Prática, UFG, v. 13, n. 1, abr./2010.

WALLON, E. (Org.). *O circo no risco da arte.* (título original “Le cirque au risque de l’art”). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Recebido: 14 julho 2011

Aprovado: 18 julho 2011

Endereço para correspondência:

Marco Antonio Coelho Bortoleto

Rua Monte Aprazível, 935, apto. 43A

Chácara da Barra

Campinas – SP

CEP: 13090-764

bortoleto@fef.unicamp.br